

Oito Idades do Homem

1. CONFIANÇA BÁSICA *VERSUS* DESCONFIANÇA BÁSICA

A PRIMEIRA demonstração de confiança social da criança pequena é a facilidade de sua alimentação, a profundez de seu sono e a relaxação de seus intestinos. A experiência de uma regulação mútua de suas capacidades progressivamente mais receptivas com as técnicas maternas de dar alimento ajuda gradualmente a criança a compensar o desconforto causado pela imaturidade da homeostase com que nasceu. Em suas horas de vigília, que gradualmente aumentam, descobre que novas e novas aventuras dos sentidos estimulam uma sensação de familiaridade, de coincidência com um sentimento de bondade interior. As formas de conforto e as pessoas a elas associadas se tornam tão familiares como o corrosivo mal-estar intestinal. A primeira realização social da criança, então, é sua voluntária disposição em deixar a mãe de lado sem demasiada ansiedade ou raiva, por ela se ter convertido em uma certeza interior, assim como em uma predizibilidade exterior. Essa persistência, continuidade e uniformidade da experiência proporcionam um sentimento rudimentar de identidade do ego que depende, assim o creio, do reconhecimento de que há uma população interna de sensações e imagens lembradas e antecipadas que estão firmemente correlacionadas com a população exterior das coisas e pessoas familiares e predizíveis.

O que aqui chamamos confiança ("trust") coincide com o que Therese Benedek denominou confiança ("confidence"). Se prefiro aquela palavra é porque vejo nela mais ingenuidade e mutualidade. Pode-se dizer que uma criança tem confiança ("trust"), enquanto seria ir longe demais afirmar que ela tem segurança ("confidence"). Além disso, o estado ge-

ral de confiança implica não só que um indivíduo aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também que pode confiar em si mesmo e na capacidade de seus órgãos para enfrentar os desejos urgentes; e que é capaz de se considerar suficientemente digno de confiança para que os provedores não precisem ficar em guarda com receio de uma mordida.

A gustação e a experimentação constante da relação entre o interno e o externo têm sua prova crucial durante as raivas da idade de morder, quando os dentes causam dor vinda de dentro e os amigos externos se revelam inúteis ou não permitem a única ação que poderia proporcionar algum alívio: morder. Não se suponha, entretanto, que o nascimento dos dentes, por si só, cause todas as terríveis conseqüências que às vezes se lhe atribuem. Como já foi mencionado, a criança se vê agora impelida a "tômar" mais, porém tende a achar que as presenças desejadas se esquivam: o mamilo e o seio, e a atenção e o cuidado concentrados da mãe. O aparecimento dos dentes parece ter uma significação prototípica e com razão pode ser o modelo da tendência masoquista a assegurar um bem-estar cruel, através do gozo da própria dor sempre que se sentir incapaz de evitar uma perda significativa.

Em psicopatologia, a ausência da confiança básica pode ser melhor estudada na esquizofrenia infantil, enquanto a permanente fraqueza subjacente dessa confiança é evidente nas personalidades adultas em que é habitual um retraimento dentro de estados esquizóides e depressivos. Foi demonstrado que, em tais casos, o restabelecimento de um estado de confiança é o requisito básico para a terapia, porque, quaisquer que tenham sido as circunstâncias determinantes de um colapso psicótico, a excentricidade e o grau de retraimento da conduta de muitos indivíduos gravemente doentes ocultam uma tentativa de recuperar a mutualidade, testando as linhas fronteiriças entre os sentidos e a realidade física, entre as palavras e os significados sociais.

A psicanálise supõe que o processo de diferenciação na primeira fase da vida infantil entre o interno e o externo é a origem da projeção e da introjeção, que permanecem como dois de nossos mais profundos e perigosos mecanismos de defesa. Na introjeção, sentimos e atuamos como se uma bondade exterior se tivesse transformado em uma certeza interior. Na projeção, experimentamos um dano interno como externo: atribuímos às pessoas significativas um mal que na realidade existe em nós. Supõe-se, então, que esses dois mecanismos,

a projeção e a introjeção, estão modelados segundo o que se passa nas crianças quando elas têm vontade de externalizar a dor e internalizar o prazer, intento que deve ceder ao testemunho dos sentidos em maturação e, finalmente, da razão. Na idade adulta, esses mecanismos se restabelecem mais ou menos naturalmente nas crises agudas de amor, de confiança e de fé, e podem caracterizar atitudes irracionais para com os adversários e os inimigos no conjunto dos indivíduos "maduros".

O firme estabelecimento de padrões duráveis para a solução do conflito nuclear da confiança básica *versus* a desconfiança básica, na simples existência, é a primeira tarefa do ego e, portanto, antes de tudo, uma tarefa para o cuidado materno. Mas, basta dizer aqui que a soma de confiança derivada das primeiras experiências infantis não parece depender de quantidades absolutas de alimento ou de demonstrações de amor, mas antes da qualidade da relação materna. As mães criam em seus filhos um sentimento de confiança por meio daquele tipo de tratamento que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais da criança e um firme sentimento de fidedignidade pessoal dentro do arcabouço do estilo de vida de sua cultura. Isso cria na criança a base para um sentimento de identidade que mais tarde combinará um sentimento de ser "aceitável", de ser ela mesma, e de se converter no que os demais confiam que chegará a ser. Portanto (dentro de certos limites previamente definidos como os "deve" do cuidado infantil), há poucas frustrações nesta ou nas etapas seguintes que a criança em crescimento não possa suportar, contanto que a frustração conduza à experiência sempre renovada de uma maior uniformidade e de uma continuidade mais acentuada do desenvolvimento no sentido de uma integração final do ciclo de vida individual com uma mais ampla pertencividade significativa. Os pais não se devem limitar a métodos fixos de orientar por meio da proibição e da permissão; devem também ser capazes de afirmar à criança uma convicção profunda, quase somática, de que tudo o que fazem tem um significado. Enfim, as crianças não ficam neuróticas por causa das frustrações, mas da falta ou da perda de significado social nessas frustrações.

Entretanto, mesmo nas mais favoráveis circunstâncias, essa etapa parece introduzir na vida psíquica (e se tornar o protótipo de) um sentimento de divisão interior e nostalgia universal por um paraíso perdido. É em oposição a essa poderosa combinação de um sentimento de ter sido despojado, de

ter sido dividido, de ter sido abandonado, que é necessário conservar a confiança básica por toda a vida.

Cada etapa e crise sucessivas têm uma relação especial com um dos elementos básicos da sociedade, e isso pela simples razão de que o ciclo da vida humana e as instituições do homem têm evoluído juntos. Neste capítulo, podemos fazer pouco mais que mencionar, depois da descrição de cada etapa, que elemento básico da organização social com ela se relaciona. Essa relação é dupla: o homem traz para essas instituições os resíduos de sua mentalidade infantil e de seu fervor juvenil, e recebe delas, desde que consigam conservar sua realidade, um reforço para suas aquisições infantis.

A fé dos pais que sustenta a confiança que emerge no recém-nascido tem procurado ao longo de toda a história sua salvaguarda institucional (e, às vezes, encontrou seu maior inimigo) na religião organizada. A confiança nascida do cuidado é, de fato, a pedra de toque da *realidade* de uma determinada religião. Todas as religiões têm em comum uma periódica rendição infantil ao provedor ou provedores que dispensam felicidade terrena assim como saúde espiritual; alguma demonstração da pequenez do homem através de uma atitude submissa e gestos humildes; a confissão na prece e no cântico de más ações, maus pensamentos e más intenções; uma fervorosa súplica de unificação interna, mercê da orientação divina; e, finalmente, a compreensão de que a confiança individual deve-se tornar uma fé comum, a desconfiança individual um pecado publicamente formulado, enquanto a regeneração do indivíduo deve ser parte da prática ritual de muitos e uma manifestação de fidelidade à comunidade.* Mostramos de que modo as tribos que tratam como um só segmento da natureza desenvolvem uma magia coletiva que parece considerar os Provedores Sobrenaturais do alimento e da prosperidade como se estivessem furiosos e fosse necessário apaziguá-los rezando e se submetendo à autotortura. As religiões primitivas, a camada mais primitiva de todas as religiões e a camada religiosa de cada indivíduo sublimam esforços de expiação que tentam compensar vagas ações praticadas contra uma matriz materna e restabelecer a fé na virtude dos próprios esforços e na generosidade dos poderes do universo.

* Este é o aspecto comunal e psicossocial da religião. Sua relação muitas vezes paradoxal com a espiritualidade do homem não é um tema que se possa tratar sucinta e superficialmente (ver *Young Man Luther*). (E. H. E.)

Cada sociedade e cada idade devem encontrar sua forma institucionalizada de veneração que deriva vitalidade de sua imagem do mundo, da predestinação à indeterminação. O clínico só pode observar que muitos se orgulham de não ter religião mas que seus filhos não são capazes de viver sem ela. Por outro lado, há muitos que parecem derivar uma fé vital da ação social ou da atividade científica. E, ainda mais, muitos há que professam uma fé, mas na prática insuflam a desconfiança na vida e no homem.

2. AUTONOMIA *VERSUS* VERGONHA E DÚVIDA

Ao descrever o crescimento e as crises da pessoa humana como uma série de atitudes básicas alternativas, tais como confiança *versus* desconfiança, recorreremos à expressão "sentimento de", embora como um "sentimento de saúde" ou um "sentimento de estar doente", tais "sentimentos" penetrem a superfície e a profundidade, a consciência e o inconsciente. São portanto, ao mesmo tempo, meios de *experimentar* acessíveis à introspecção; modos de proceder observáveis por outros; e *estados interiores* inconscientes, determináveis por teste e análise. É importante não esquecer essas três dimensões, daqui em diante.

A manutenção muscular prepara a fase da experimentação com duas ordens de modalidades sociais: agarrar e soltar. Como acontece com todas essas modalidades, seus conflitos básicos podem levar a expectativas e atitudes hostis ou favoráveis. Assim, agarrar pode vir a significar uma retenção ou repressão destrutiva e cruel, e pode-se tornar um padrão de cuidado: ter e conservar. Do mesmo modo, soltar poderá consistir em uma libertação hostil de forças destrutivas ou então em um moderado "deixar passar" e "deixar acontecer".

Portanto, o controle externo nesta etapa deve ser firmemente tranquilizador. A criança deve chegar a sentir que a fé básica na existência, que é o tesouro perdurável salvo das raivas da etapa oral, não estará em perigo causado por sua mudança de atitude, esse repentino desejo de escolher o que quiser, de se apoderar exigentemente e de eliminar obstinadamente. A firmeza deve protegê-la contra a anarquia potencial de seu sentido de discriminação ainda não exercitado e sua incapacidade de agarrar e soltar com discrição. À medida que seu meio ambiente a encoraja a "parar sobre seus próprios pés", também deve protegê-la contra as inexpressi-

vas e arbitrárias experiências de envergonhamento e de dúvida precoce.

Este último perigo é o que melhor conhecemos, porque se não se permitir a experiência gradual e bem orientada da autonomia da livre escolha (ou se a experiência se enfraquecer por uma perda inicial de confiança), a criança voltará contra si mesma todo seu anseio de discriminar e manipular. Manipular-se-á a si própria, desenvolverá uma consciência precoce. Em vez de se apoderar das coisas para experimentá-las de modo intencionalmente repetitivo, deixar-se-á obsecar por sua própria repetitividade. Por força dessa obsessividade, naturalmente, depois aprende a reapossar-se do meio ambiente e a adquirir maior poder mediante um controle tenaz e minucioso, em que não poderia encontrar uma regulação mútua em larga escala. Esta falsa vitória é o modelo infantil para uma neurose compulsiva. Também é a fonte infantil de tentativas posteriores na vida adulta para governar ao pé da letra e não com o espírito.

— A vergonha é uma emoção insuficientemente estudada, porque em nossa civilização ela é muito cedo e facilmente absorvida pela culpa. A vergonha pressupõe que o indivíduo se sente completamente exposto e que está ciente de que o estão olhando: em uma palavra, é autoconsciente. Sabe-se que é visível mas não está preparado para isso; por essa razão é que em nossa fantasia a vergonha é como uma situação em que nos sentimos fixamente observados, quando ainda não completamente vestidos ou com as roupas de dormir ou “com as calças arriadas”. A vergonha se manifesta logo por um impulso de esconder o rosto ou de, no mesmo instante e lugar, afundar no chão. Mas creio que isso é essencialmente raiva voltada contra si mesmo. Quem se sente envergonhado gostaria de obrigar o mundo a não vê-lo, a não notar sua nudez. Gostaria de destruir os olhos do mundo. Como isso não é possível, vê-se forçado a desejar sua própria invisibilidade. Essa potencialidade é abundantemente usada no método educativo do “envergonhamento” que é empregado de modo tão exclusivo por alguns povos primitivos. A vergonha visual precede a culpa auditiva, que é um sentimento de maldade, experimentado solitariamente e quando tudo está em silêncio — menos a voz do superego. Esse envergonhamento explora um sentimento crescente de pequenez, que se pode desenvolver quando a criança é capaz de se pôr de pé e à medida que sua percepção lhe permita notar as medidas relativas das dimensões e do poder.

Envergonhar demais não conduz a uma verdadeira retidão, mas a uma secreta determinação de fazer tudo que se quer, impunemente, sem ser visto, quando não dá em resultado uma desafiante falta de vergonha. Há uma impressionante balada norte-americana na qual um assassino, na iminência de ser enforcado à vista de toda a comunidade, em vez de se sentir justamente castigado, acusa violentamente os espectadores concluindo cada expressão de desprezo com as palavras: "Que Deus amaldiçoe teus olhos." Muitas crianças pequenas, forçadas a se envergonhar além da capacidade de tolerância, podem ficar em um estado de ânimo crônico (ainda que não de posse da coragem ou das palavras) que as leve a expressar desafio em termos semelhantes. O que quero dizer com essa sinistra referência é que há um limite para a tolerância de uma criança ou de um adulto que ouse desafiar as exigências de se considerar a si mesmo, seu corpo e seus desejos como maus e sujos, e para sua fé na infalibilidade daqueles que impõem esse castigo. Ela pode tender a inverter as coisas, a considerar um mal só o fato de que tais pessoas existam: sua oportunidade chegará quando elas se forem, ou quando se afastar delas.

A dúvida é irmã da vergonha. Enquanto a vergonha é dependente do sentimento de ser honesto e desprotegido, a dúvida, segundo a observação clínica me faz crer, tem muito que ver com a consciência de que se tem frente e costas — e principalmente um "atrás". Pois esta área trazeira do corpo, com seu foco agressivo e libidinal nos esfíncteres e nas nádegas, não pode ser vista pela criança, mas pode ser dominada pela vontade dos outros. O "atrás" é o continente obscuro do pequeno ser, uma área do corpo que pode ser magicamente dominada e efetivamente invadida por aqueles que possam atacar o próprio poder de autonomia e considerar maus aqueles produtos que a criança sentiu que são bons ao expulsá-los. Este sentimento básico de dúvida a respeito do que ficou atrás cria um substrato de formas ulteriores e mais verbais de dúvida compulsiva; esta tem sua expressão adulta em temores paranóicos concernentes a perseguidores ocultos e perseguições secretas que ameaçam de trás (ou de dentro do detrás).

Esta etapa, portanto, passa a ser decisiva para a proporcão de amor e ódio, cooperação e voluntariedade, liberdade de auto-expressão e sua supressão. De um sentimento de auto-controle sem perda da auto-estima resulta um sentimento constante de boa vontade e orgulho; de um sentimento de perda

do autocontrole e de supercontrole exterior resulta uma propensão duradoura para a dúvida e a vergonha.

Se a algum leitor parecer exagerado, em seus diversos aspectos, o que disse a respeito de nossas potencialidades "negativas", é necessário lembrar-lhe que tudo isso não é fruto apenas de uma preocupação com os dados clínicos. Os adultos, inclusive os aparentemente maduros e não-neuróticos, mostram-se muito sensíveis à possibilidade de um vergonhoso "descrédito" e a um temor de ser atacados "pelas costas", o que não só é altamente irracional e está em contradição com o conhecimento que lhes é acessível, mas também pode ser de decisiva importância se os citados sentimentos têm influência, por exemplo, sobre as políticas inter-raciais e internacionais.

Temos relacionado a confiança básica com a instituição da religião. A necessidade constante do indivíduo de ver sua vontade reafirmada e delineada dentro de uma ordem de coisas adulta, que ao mesmo tempo reafirme e delineie a vontade dos outros, tem uma salvaguarda institucional no *princípio da lei e da ordem*. Na vida diária, assim como nas altas cortes de justiça, nacionais e internacionais, esse princípio atribui a cada um seus privilégios e limitações, suas obrigações e direitos. Um sentido de dignidade legítima e de independência legal da parte dos adultos que a rodeiam propicia à criança de boa vontade uma confiante expectativa de que o tipo de autonomia cultivado na infância não conduzirá a uma dúvida ou vergonha excessiva na vida ulterior. Assim, o sentimento de autonomia promovido na infância é modificado à medida que a vida progride favorece a preservação na vida econômica e política de um sentimento de justiça, e é favorecido por ele.

3. INICIATIVA VERSUS CULPA

Há em toda criança, em cada etapa, um novo milagre de desabrochamento vigoroso que constitui uma nova esperança e uma nova responsabilidade para todos. Esse é o sentido e a qualidade intrínseca da iniciativa. Os critérios para todos esses sentidos e qualidades são os mesmos: uma crise mais ou menos povoada por hesitações e temores se desfaz porque a criança parece subitamente "se fundir", pessoa e corpo. Mostra-se "mais ela mesma", mais terna, desimpedida, e mais arguta em seu raciocínio, mais estimulada e estimulante. Está em plena posse de um excedente de energia que

lhe permite esquecer rapidamente os fracassos e se avizinhar do que parece desejável (ainda que também pareça incerto e até perigoso) com um endereço invariável e mais preciso. A iniciativa soma à autonomia a capacidade de empreender, de planejar e de "atacar" uma tarefa pelo gosto de ser ativo e de estar em movimento, enquanto anteriormente a obstinação muito freqüentemente inspirava atos de rebeldia ou pelo menos de independência declarada.

Sei que para muitos a palavra "iniciativa" tem uma conotação norte-americana e industrial. Todavia, a iniciativa é uma componente necessária de todo ato e o homem precisa de espírito de iniciativa para tudo o que aprende e faz, desde colher frutas até organizar uma empresa.

A etapa ambulatória e a da genitalidade infantil adicionam ao inventário das modalidades sociais básicas a de "conquistar", primeiro no sentido de "estar no jogo". Não há palavra mais simples, mais expressiva, para isso; ela sugere prazer no ataque e na conquista. No menino, a ênfase permanece nos modos fálico-intrusivos; na menina, recai nos modos de "armar o laço", nas formas mais agressivas de arrebatou ou na mais moderada de se fazer atrativa e cativante.

O perigo dessa etapa é um sentimento de culpa relacionado com os objetivos visados e os atos iniciados no próprio gozo exuberante do novo poder locomotor e mental: atos de manipulação e coação agressivas que logo ultrapassam a capacidade executiva do organismo e da mente e, portanto, obrigam a uma contenção enérgica da iniciativa planejada. Enquanto a (autonomia) se concentra em manter à distância os rivais potenciais e, portanto, pode conduzir a uma raiva cheia de inveja geralmente dirigida contra a intromissão dos irmãos mais moços, a iniciativa comporta uma rivalidade antecipada com os que chegaram primeiro, e que podem, por isso, com seu melhor equipamento, ocupar a área para a qual a própria iniciativa está dirigida. A inveja e a rivalidade infantis, aquelas tentativas amarguradas e não obstante essencialmente fúteis de demarcar uma esfera de privilégio incontroverso, chegam agora a um clímax, em uma competição final por uma posição privilegiada com relação à mãe; o fracasso habitual leva à resignação, ao sentimento de culpa e à ansiedade. A criança se entrega a fantasias de ser um gigante e um tigre, mas em seus sonhos foge apavorada para salvar a própria vida. Esta é, então, a etapa do "complexo de castração", o temor intensificado de perceber os genitais, agora fortemente

erotizados, danificados como castigo pelas fantasias associadas com sua excitação.

A sexualidade infantil e o tabu do incesto, o complexo de castração e o superego, unem-se aqui para causar aquela crise especificamente humana durante a qual a criança deve renunciar a uma ligação exclusiva, pré-genital, com seus pais, para iniciar o lento processo de se tornar um genitor, um portador da tradição. Ocorre neste momento a mais sinistra cisão e transformação na central energética emocional, uma cisão entre a glória humana potencial e a destruição total do potencial, pois aqui a criança se divide para sempre interiormente. Os fragmentos instintivos que antes haviam acelerado o desenvolvimento de seu corpo e de sua mente infantis agora se dividem em uma série infantil, que perpetua a exuberância dos potenciais do desenvolvimento, e uma série paterna e materna, que sustenta e incrementa a auto-observação, a auto-orientação e a autopunição.

É, mais uma vez, o problema da regulação mútua. Quando a criança, tão disposta agora a se supermanipular, pode desenvolver gradualmente um senso de responsabilidade moral, quando pode adquirir certa compreensão das instituições, funções e papéis que permitem sua participação responsável, encontrará uma realização prazerosa no manejo de ferramentas e armas, na manipulação de brinquedos significativos — e em cuidar das crianças menores.

Naturalmente, a série relativa aos pais é a princípio de natureza infantil: o fato de que a consciência humana permaneça parcialmente infantil durante toda a vida é a essência da tragédia humana, pois o superego da criança pode ser primitivo, cruel e inflexível, como observado nos casos em que as crianças se supercontrolam e se superconstringem até o limite da auto-obliteração, nos casos em que manifestam uma superobediência mais literal que a que o genitor havia pretendido exigir, ou nos em que desenvolvem profundas regressões e duradouros ressentimentos porque os próprios pais não se parecem identificar com uma nova consciência. Um dos mais graves conflitos da vida é o ódio a um genitor que serviu como modelo e executor do superego, mas que de alguma forma foi descoberto tentando cometer as mesmas transgressões que a criança já não pode tolerar em si mesma. A suspicácia e a ambigüidade que desse modo se associa com o caráter tudo-ou-nada do superego, esse órgão da tradição moral, faz do homem moral (no sentido de moralista) um

grande perigo potencial para seu próprio ego, e para o de seus semelhantes.

Na patologia do adulto, o conflito residual relativo à iniciativa se expressa na abstinência histérica, que induz à repressão do desejo e à ab-rogação de seu órgão executor pela paralisia, a inibição ou a impotência; ou então na exibição supercompensatória em que o indivíduo intimidado, tão ansioso por "afundar", ao contrário "espicha a cabeça para fora". Além disso, também é comum atualmente um mergulho em uma enfermidade psicossomática. É como se a cultura tivesse levado um homem a se superapregoar e a se identificar com sua autopropaganda a tal ponto que só a enfermidade lhe pode oferecer uma saída.

Mas também neste caso não devemos pensar exclusivamente na psicopatologia individual, mas ainda na central energética interna da raiva que deve estar inundada nesta etapa, quando algumas das mais otimistas esperanças e das mais arrebatadas fantasias estão recalçadas e inibidas. A resultante convicção da própria virtude — geralmente a maior recompensa da bondade — pode depois se voltar mais intolerantemente contra os demais, sob a forma de uma tenaz vigilância moralista, de modo que o empenho dominante chega a ser a proibição e não a orientação da iniciativa. Por outro lado, mesmo a iniciativa do homem virtuoso tende a romper os limites da auto-restrição, permitindo-lhe fazer aos outros, no seu ou em outros terrenos, o que não faria nem toleraria em seu próprio lar.

Considerando os perigosos potenciais da longa infância do homem, convém rever o plano das etapas e as possibilidades de orientar os jovens, enquanto o são. E então se percebe que de acordo com a sabedoria do plano básico a criança em nenhum tempo está mais disposta a aprender rápida e avidamente, a se tornar maior no sentido de compartilhar da obrigação e da execução, que durante esse período de seu desenvolvimento. Está ansiosa e apta para fazer coisas em cooperação, para juntar-se a outras crianças com o propósito de construir e planejar, e pressurosa por obter o maior proveito das lições de seus mestres e seguir o exemplo dos protótipos ideais. Naturalmente, permanece identificada com o genitor do mesmo sexo, mas por enquanto não deixa de procurar oportunidades em que a identificação no trabalho pareça augurar um campo de iniciativas sem demasiado conflito infantil ou culpa edípica, e um reconhecimento mais realista baseado em um espírito de igualdade experimentado no traba-

lho produtivo cooperativo. De qualquer modo, da etapa “edípica” não resulta somente a fixação opressiva de um senso moral que restringe o horizonte do possível; ela também determina a direção para o possível e o tangível que permite relacionar os sonhos das primeiras fases da infância com as metas da vida adulta. As instituições sociais, portanto, oferecem às crianças desta idade um “*ethos*” econômico, na forma de adultos ideais reconhecíveis por seus uniformes e funções e suficientemente fascinantes para substituir os heróis do livro de gravuras e dos contos de fadas. —

4. INDÚSTRIA VERSUS INFERIORIDADE

Assim, o cenário interior parece estar preparado para “a entrada na vida”, independentemente de que a vida deve começar na escola, seja a escola campo, selva ou sala de aula. A criança deve esquecer as esperanças e desejos do passado, ao mesmo tempo que sua exuberante imaginação se disciplina e subordina às leis das coisas impessoais — inclusive dos três R.* Por isso, antes que a criança, que já é psicologicamente um genitor rudimentar, se possa transformar em um genitor biológico, deve começar por ser um trabalhador e um provedor potencial. Ao se aproximar o período de latência, a criança normalmente desenvolvida esquece, ou melhor, sublima a necessidade de “fazer” gente por ataque direto ou de se tornar às pressas papai e mamãe; aprende agora a conquistar consideração produzindo coisas. Dominou a área ambulatória e os modos orgânicos. Ensaia um juízo de finalidade sobre a realidade de que não há um futuro viável no seio da família, e assim se prepara para dedicar-se a habilidades e tarefas, que excedem de muito os limites da mera expressão prazerosa de seus modos orgânicos ou o prazer que lhe causa o funcionamento de seus membros. Desenvolve um sentido de indústria, isto é, ajusta-se às leis inorgânicas do mundo das ferramentas. Pode-se tornar uma unidade viva e integrada de uma situação produtiva. Chegar a completar uma situação produtiva constitui um objetivo que gradualmente suplanta as fantasias e as aspirações inerentes ao jogo. Os limites de seu ego incluem suas ferramentas e habilidades. O princípio de trabalho (Ives Hendrick) lhe ensina o prazer da compleção do trabalho com atenção fixa e empenho perseverante. Nessa etapa, as crianças de todas as culturas recebem alguma *instrução sistemática*, ainda que, como vimos no capítulo sobre os índios norte-americanos, não se trata de modo algum

* *Reading, writing e arithmetic.* (N. do T.)

da instrução escolar por professores especialmente preparados para ensinar as primeiras letras. Nos povos pré-alfabetizados e nas atividades que não visam à alfabetização, muito há que aprender com os adultos que se fazem professores por dotes e inclinações naturais e não por decreto, e talvez a maior parte com as crianças maiores. Assim, os *fundamentos da tecnologia* se desenvolvem à medida que a criança se capacita para manejar os utensílios, as ferramentas e as armas dos adultos. Os indivíduos instruídos, que têm profissões mais especializadas, devem preparar a criança ensinando-lhe primeiro os instrumentos fundamentais da leitura e da escrita, a educação básica mais ampla possível e necessária para o maior número de carreiras permissíveis. Quanto mais complexa se torna a especialização, contudo, mais indistintas são as metas eventuais da iniciativa, e quanto mais complicada é a realidade social, mais vagos serão, nela, os papéis do pai e da mãe. A escola parece ser, por si só, toda uma cultura, com seus próprios objetivos e limites, seus progressos e insucessos.

O perigo para a criança nessa etapa reside em um sentimento de inadequação e inferioridade. Se ela desespera de suas ferramentas e habilidades ou de seu *status* no grupo de que participa, pode desencorajar sua identificação com os integrantes do grupo e com um setor do mundo das ferramentas. Perder a esperança dessa associação "industrial" pode fazê-la regredir à rivalidade familiar mais segregada, menos consciente do instrumental, da etapa edípica. A criança desespera de seu equipamento no mundo das ferramentas e na anatomia e se considera condenada à mediocridade e à inadequação. É nesse momento que a sociedade maior se torna significativa em suas formas de fazer a criança participar de uma compreensão das funções importantes de sua tecnologia e economia. O desenvolvimento de muitas crianças se desagrega quando a vida familiar não tenha conseguido prepará-las para a vida escolar ou quando a vida escolar deixa de cumprir as promessas das etapas anteriores.

Ao considerar o período em que um sentido de indústria se desenvolve, fiz referência às *obstruções internas e externas* no uso de novas capacidades, mas não às exacerbações de novos impulsos humanos nem às raivas submersas resultantes de sua frustração. Essa etapa difere das anteriores porque não é uma oscilação de uma convulsão interior para um novo domínio. Freud a denomina etapa de latência porque os impulsos violentos estão normalmente adormecidos. Mas é só

um momento de bonança antes da tormenta da puberdade, quando todos os impulsos anteriores reemergem em uma nova combinação, para ser submetidos à dominação da genitalidade.

Por outro lado, essa etapa é socialmente a mais decisiva: visto que a indústria implica fazer coisas ao lado de outros e com eles, nesta época se desenvolve um primeiro juízo a respeito da divisão do trabalho e da oportunidade diferencial, isto é, do “*ethos*” tecnológico de uma cultura. Apontamos na última seção o perigo que ameaça o indivíduo e a sociedade quando o escolar começa a sentir que a cor de sua pele, os antecedentes de seus pais, a qualidade de suas roupas decidirão, mais que seu desejo e sua vontade de aprender, de seu valor como aprendiz e, assim, de seu sentimento de *identidade*, ao qual agora devemos voltar. Mas há outro perigo, mais fundamental, que é a auto-restrição do homem e a constrição de seus horizontes, para que só abranjam seu trabalho, a que, como diz a Bíblia, havia sido sentenciado depois de sua expulsão do paraíso. Se aceita o trabalho como sua única obrigação, e “o produtivo” como seu único critério de valor, pode-se tornar um escravo conformista e inconsiderado de sua tecnologia e daqueles que estão na situação de explorá-la.

5. IDENTIDADE *VERSUS* CONFUSÃO DE PAPEL

Com o estabelecimento de uma boa relação inicial com o mundo das habilidades e das ferramentas e com o advento da puberdade, a infância propriamente dita acaba. A juventude começa. Mas na puberdade e na adolescência todas as uniformidades e continuidades em que se confiava anteriormente voltam a ser até certo ponto discutíveis, por causa de uma rapidez do crescimento do corpo comparável à da primeira fase da infância e da nova adição de maturidade genital. Crescendo e desenvolvendo-se, os jovens arrostam essa revolução fisiológica interior e, com as coneretas tarefas adultas à sua frente, preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e as habilidades anteriormente cultivadas com os protótipos ocupacionais do momento. Em sua busca por um novo sentido de continuidade e coerência, os adolescentes têm que voltar a travar muitas das batalhas dos anos anteriores, mesmo que para isso devam designar artificialmente pessoas inteiramente bem intencionadas para representar os papéis de adversários; e estão sempre dispostos a instituir ídolos e ideais duradouros como guardiães de uma identidade final.

A integração que agora tem lugar sob a forma de identidade do ego é, como foi assinalado, mais que a soma das identificações da infância. É a experiência acumulada da capacidade do ego para integrar todas as identificações com as vicissitudes da libido, com as aptidões fundadas nos dotes naturais e com as oportunidades oferecidas nas funções sociais. O sentimento de identidade do ego, então, é a segurança acumulada de que a coerência e a continuidade interiores elaboradas no passado equivalem à coerência e à continuidade do próprio significado para os demais, tal como se evidencia na promessa tangível de uma "carreira".

O perigo dessa etapa é a confusão de papel.* Quando esta se baseia em uma pronunciada dúvida anterior com relação à própria identidade sexual, os episódios delinquentes e francamente psicóticos não são raros. Se diagnosticados e tratados corretamente, tais incidentes não têm a mesma significação fatal que implicam outras idades. Na maioria dos casos, entretanto, o que perturba individualmente os jovens é a incapacidade de fixar-se em uma identidade ocupacional. Para se manter juntos, superidentificam-se temporariamente até o ponto de uma aparente perda da identidade com os heróis dos grupinhos e das multidões. Isso inicia a etapa da "paixão", que não é, de modo algum, total ou sequer fundamentalmente um problema sexual, a não ser que os costumes o exijam. Em grande parte, o amor no adolescente é uma tentativa de chegar a uma definição de sua identidade projetando a própria imagem difusa do ego em outra pessoa para, assim, vê-la refletida e gradualmente definida. É por essa razão que em tão grande extensão o amor de um adolescente se limita à conversação.

Os jovens também podem apegar-se demasiado ao espírito de clã e ser cruéis na exclusão de todos que sejam "diferentes", na cor da pele, nos antecedentes culturais, nos gostos e dotes e, muitas vezes, em aspectos insignificantes das vestimentas e das maneiras que tenham sido temporariamente selecionados como os sinais característicos de estar no grupo ou fora do grupo. É importante compreender (o que não significa justificar nem compartilhar) essa intolerância como uma defesa contra a confusão do sentimento de identidade: os adolescentes não só se ajudam temporariamente uns aos outros a vencer muitas dificuldades, formando grupinhos e fazendo-se estereótipos e a seus ideais e seus inimigos, mas

* Ver "The Problem of Ego-Identity", *J. Amer. Psyc. Assoc.*, 4:56-121.

também põem à prova perversamente a mútua capacidade de hipotecar lealdade. A facilidade com que aceitam tais provas explica, além disso, a atração que as simples e cruéis doutrinas totalitárias exercem sobre a mente dos jovens daqueles países e classes que perderam ou estão perdendo suas identidades grupais (feudal, agrária, tribal, nacional) e se defrontam com a industrialização, a emancipação e a mais ampla comunicação universais.

A mente do adolescente é essencialmente uma mente do *moratorium*, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto. É uma mente ideológica e, de fato, é a visão ideológica de uma sociedade a que afeta mais claramente o adolescente ansioso por se afirmar perante seus iguais e que está preparado para se ver confirmado pelos rituais, credos e programas que definem ao mesmo tempo o que é mau, fantástico e hostil. Portanto, ao examinar os valores sociais que orientam a identidade, ele se defronta com os problemas da *ideologia* e da *aristocracia*, ambos em seu sentido mais amplo possível, indicativo de como, dentro de uma imagem definida do mundo e um curso predestinado da história, os melhores indivíduos chegaram ao poder e o poder melhor se desenvolve no povo. Para que não os dominem o cinismo e a apatia, os jovens devem necessariamente ser capazes de se convencer de que os que triunfam em seu antecipado mundo adulto assumem assim a obrigação de ser os melhores. Examinaremos depois os perigos que decorrem da subordinação dos ideais humanos ao domínio das supermáquinas, sejam estas guiadas por ideologias nacionalistas ou internacionais, comunistas ou capitalistas. Na última parte deste livro, consideraremos a forma pela qual as revoluções de nosso tempo tentam explicar e também explorar a profunda necessidade da juventude de definir sua identidade em um mundo industrializado.

6. INTIMIDADE *VERSUS* ISOLAMENTO

A segurança adquirida em qualquer etapa se põe à prova diante da necessidade de transcendê-la de tal modo que o indivíduo possa aventurar na etapa seguinte o que era mais vulneravelmente precioso na anterior. Assim, o adulto jovem, que emerge da busca e persistência em uma identidade, anseia e se dispõe a fundir sua identidade com a de outros. Está preparado para a intimidade, isto é, a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo

que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos. Agora o corpo e o ego devem ser os governantes dos modos orgânicos e dos conflitos nucleares, para que possam enfrentar o temor da perda do ego em situações que exigem auto-abandono: na solidariedade das filiações íntimas, nos orgasmos e uniões sexuais, na amizade íntima e no combate físico, nas experiências de inspiração motivada pelos professores e de intuição que vem dos recessos do eu. A evitação de tais experiências devida ao temor da perda do ego pode conduzir a uma profunda sensação de isolamento e a uma conseqüente auto-absorção.

O reverso da intimidade é o distanciamento: a tendência a isolar e, se necessário, a destruir aquelas forças e pessoas cuja essência parece perigosa para a própria, e cujo "território" parece invadir o âmbito das próprias relações íntimas. Os preconceitos assim desenvolvidos (e utilizados e explorados na política e na guerra) constituem um fruto mais maduro dos repúdios mais cegos que, durante a luta pela identidade, diferenciam nítida e cruelmente o familiar do estranho. O perigo dessa etapa está em que as relações íntimas, competitivas e combativas experimentam-se com e contra as mesmas pessoas. Mas, à medida que se delineiam as áreas do dever adulto e se diferenciam o encontro competitivo e a união sexual, eventualmente se submetem ao *senso ético*, que é a marca do adulto.

Em termos estritos, só agora é que se pode desenvolver plenamente a *verdadeira genitalidade*, pois grande parte da vida sexual que precede estes compromissos é do mesmo gênero do correspondente à busca de identidade, ou é dominada pelas competições fálicas ou vaginais que fazem da vida sexual uma espécie de combate genital. Por outro lado, é muito comum descrever a genitalidade como um estado permanente de mútua beatitude sexual. Este, então, pode ser o momento oportuno para completar nosso exame de genitalidade.

Para ter uma orientação básica na questão, direi o que significou para mim a mais breve afirmação de Freud. Costuma-se afirmar (e os maus hábitos da conversação parece que o confirmam) que a psicanálise como terapêutica tenta convencer o paciente de que, perante Deus e a humanidade, só deve ter uma obrigação: ter bons orgasmos, com um "objeto" adequado, e regularmente. Está claro que não é exato. Uma vez perguntaram a Freud o que pensava sobre o que uma pessoa normal seria capaz de fazer satisfatoriamente. Provavelmente quem fez a pergunta esperava uma resposta com-

plicada. Mas, Freud, na forma lacônica de seus velhos tempos, diz-se que respondeu: "*Lieben und arbeiten*" (amar e trabalhar). Vale a pena meditar sobre esta fórmula simples; quanto mais se pensa sobre ela, mais profunda parece. Quando Freud disse "amar", referia-se ao amor *genital* e ao amor genital; quando disse amar e trabalhar, quis significar uma geral produtividade de trabalho que não preocuparia o indivíduo até o ponto de vir a perder seu direito ou sua capacidade de ser genital e poder amar. Assim, podemos pensar sobre ela, mas não aperfeiçoar a fórmula do "professor".

A genitalidade, então, consiste na capacidade desimpedida de desenvolver uma potência orgástica tão livre de interferências pré-genitais que a libido genital (não exatamente os produtos sexuais segregados através das "saídas" de Kinsey) se expresse na mutualidade heterossexual, com sensibilidade plena tanto do pênis como da vagina, e com uma descarga do tipo convulsivo da tensão de todo o corpo. Aí está o modo um tanto concreto de dizer alguma coisa sobre um processo que na realidade não compreendemos. Em termos mais situacionais: o fato total de encontrar, através do tumulto climático do orgasmo, uma experiência suprema da regulação mútua de dois seres, de alguma forma tira a aresta das hostilidades e das raivas potenciais causadas pela opositividade entre macho e fêmea, realidade e fantasia, amor e ódio. Assim, as relações sexuais satisfatórias fazem o sexo menos obsessivo, a supercompensação menos necessária, os controles sádicos supérfluos.

Preocupada como estava com os aspectos terapêuticos, a psicanálise de um modo geral deixou de formular o problema da genitalidade de uma forma significativa para os processos da sociedade em todas as classes, nações e níveis de cultura. O tipo de mutualidade no orgasmo que a psicanálise considera, aparentemente, é realizado com facilidade em classes e culturas que podem fazer dele uma instituição desapresada. Nas sociedades mais complexas, interferem nessa mutualidade tantos fatores relativos à saúde, à tradição, à oportunidade e ao temperamento, que a formulação adequada da saúde sexual seria mais precisamente esta: um ser humano deveria ser potencialmente capaz de realizar a mutualidade do orgasmo genital, mas também deveria ser constituído de tal modo que pudesse suportar uma certa dose de frustração sem uma demasiada regressão, toda vez que a preferência emocional ou as considerações relativas ao dever e à lealdade o exijam.

Embora a psicanálise tenha ido às vezes demasiado longe na importância que atribui à genitalidade como uma cura universal para a sociedade, e tenha proporcionado assim um novo hábito e um novo elemento de consumo a muitos que desejavam interpretar dessa forma seus ensinamentos, nem sempre indicou todas as metas que a genitalidade pode e deve realmente implicar. Para ter uma significação social duradoura, a utopia da genitalidade deveria incluir:

1. mutualidade do orgasmo
2. com um partícipe amado
3. do outro sexo
4. com quem se possa e queira compartilhar uma confiança mútua
5. e com quem se possa e queira regular os ciclos de
 - a) trabalho
 - b) procriação
 - c) recreação
6. a fim de assegurar também à descendência todas as etapas de um desenvolvimento satisfatório.

É evidente que essa realização utópica em larga escala não pode ser uma tarefa individual ou, em verdade, terapêutica. Nem é de modo algum um problema puramente sexual. É parte integrante do estilo de seleção, cooperação e competição sexuais de uma cultura.

O perigo dessa etapa é o isolamento, isto é, a evitação de contatos que obrigam à intimidade. Em psicopatologia, esse distúrbio pode conduzir a graves "problemas de caráter". Por outro lado, há pares que equivalem a um isolamento *à deux*, que protege ambos os partícipes da necessidade de enfrentar o próximo desenvolvimento crítico, o da generatividade.

7. GENERATIVIDADE *VERSUS* ESTAGNAÇÃO

Este livro enfatiza as etapas da infância; se assim não fosse, a seção sobre a generatividade necessariamente seria central, porque esse termo abrange o desenvolvimento evolucionário que fez do homem o animal que ensina, que institui, assim como o que aprende. A insistência, atualmente em moda, em dramatizar a dependência das crianças em relação aos adultos, geralmente não nos deixa ver a dependência da geração mais velha relativamente à mais jovem. O homem maduro precisa sentir-se necessitado, e a maturidade necessita da orientação como do estímulo daquilo que tem sido produzido e de que deve cuidar.

A generatividade, então, é fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração, embora haja indivíduos que, por falta de sorte ou porque tenham aptidões especiais e genuínas em outras direções, não aplicam essa orientação a seus próprios filhos. E, na realidade, o conceito de generatividade abrange sinônimos mais populares como *produtividade* e *criatividade*, que, entretanto, não podem substituí-lo.

A psicanálise levou algum tempo para compreender que a capacidade do indivíduo de se deixar absorver durante a junção de corpos e mentes conduz a uma expansão gradual dos interesses do ego e a um investimento libidinal naquele que está sendo gerado. Assim, a generalidade é uma etapa essencial do detalhamento psicossocial como do psicossocial. Quando esse enriquecimento falha completamente, ocorre uma regressão a uma necessidade obsessiva de pseudo-intimidade, muitas vezes acompanhada por uma sensação penetrante de estagnação e de infecundidade pessoal. Os indivíduos, então, geralmente começam a entregar-se a si mesmos como se fossem deles próprios, ou um do outro, um só e único filho; e quando as condições o favorecem, uma invalidez prematura, física e psicológica converte-se em veículo de autopreocupação. O simples fato de ter ou mesmo de querer ter filhos, contudo, não “realiza” a generatividade. De fato, parece que alguns pais jovens sofrem por causa do atraso na manifestação da capacidade de desenvolver essa etapa. As razões devem estar geralmente nas impressões da primeira fase da infância, em um excessivo amor próprio baseado numa personalidade que tenazmente se fez por si mesma, e finalmente (e aqui voltamos às origens) na falta de qualquer fé, de alguma “crença na espécie”, que fizesse uma criança vir à luz para ser uma bem-vinda esperança da comunidade.

Quanto às instituições que protegem e reforçam a generatividade, só se pode dizer que todas as instituições codificam a ética da sucessão generativa. Mesmo quando a tradição filosófica e espiritual sugere a renúncia ao direito de procriar ou produzir, esta volta muito cedo às “relações primárias”, sempre que fundada em movimentos monásticos, esforça-se por determinar ao mesmo tempo o problema de sua relação com o cuidado das criaturas deste mundo e com a caridade que se sente transcendê-lo.

Se este livro fosse sobre a idade adulta, seria indispensável e proveitoso comparar agora as teorias econômicas e psicológicas (começando com as estranhas convergências e

divergências de ~~Marx e Freud~~), e proceder a uma análise da relação do homem com sua produção assim como com sua progênie.

8. INTEGRIDADE DO EGO *VERSUS* DESESPERANÇA

Só naquele que de alguma forma tem cuidado de coisas e pessoas e tem-se adaptado aos triunfos e desilusões inerentes à sua condição de criador de outros seres humanos e gerador de produtos e idéias, somente nele pode amadurecer o fruto dessas sete etapas. Não conheço melhor termo para isso que integridade do ego. Na falta de uma definição clara, indicarei alguns dos elementos constitutivos desse estado da mente. É a segurança acumulada do ego relativa à sua predisposição para a ordem e para a expressão. É um amor pós-narcisista do ego humano — não do eu — como uma experiência que transmite uma certa ordem e sentido espiritual do mundo, não importa o que isso tenha custado. É a aceitação do próprio e único ciclo de vida como alguma coisa que tinha que ser e que, necessariamente, não admitia substituições: significa assim um novo, um diferente amor com relação aos próprios pais. É uma lealdade com as formas ordenadoras de épocas remotas e objetivos deficientes, como se traduzem nos produtos e ditos simples daqueles tempos e atividades. Embora ciente da relatividade dos diversos estilos de vida que deram significação ao esforço humano, o possuidor de integridade está preparado para defender a dignidade de seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças físicas e econômicas; pois sabe que uma vida individual é uma coincidência acidental de um só ciclo de vida com um único segmento da história; e que para ele toda integridade humana perdura ou perece com o único estilo de integridade de que participa. O estilo de integridade desenvolvido por sua cultura ou civilização se torna assim o “patrimônio de sua alma”, o selo de sua paternidade de si mesmo (“...*pero el honor/Es patrimonio del alma*”: Calderón). Nessa consolidação final, a morte perde seu caráter pungente.

A falta ou a perda dessa integração acumulada do ego é simbolizada no temor da morte: o uno e único ciclo de vida não é aceito como o limite extremo da vida. A desesperança exprime o sentimento de que o tempo já é curto, demasiado curto para a tentativa de começar outra vida e para experimentar rotas alternativas para a integridade. O descontentamento de si mesmo oculta a desesperança, ainda que quase

sempre na forma de “mil pequenos desgostos” que não valem um pequeno remorso: *“mille petits dégouts de soi, dont le total ne fait pas un remords, mais un gêne obscure”* (Rostand).

Para se tornar um adulto maduro, cada indivíduo deve desenvolver em grau suficiente todos os mencionados atributos do ego, de modo que um índio sábio, um verdadeiro cavaleiro e um camponês experiente compartilhem e reconheçam uns nos outros a etapa final da integridade. Mas, cada entidade cultural, para desenvolver o estilo particular de integridade sugerido por sua posição histórica, utiliza uma combinação particular desses conflitos, simultaneamente com provocações e proibições específicas da sexualidade infantil. Os conflitos infantis se tornam criativos só se estimulados pelo amparo firme das instituições culturais e das lideranças que as representam. Para se avizinhar ou experimentar a integridade, o indivíduo precisa saber como seguir o exemplo dos portadores de imagem na religião e na política, na ordem econômica e na tecnologia, na vida aristocrática e nas artes e ciências. Portanto, a integridade do ego implica uma integração emocional que permite a participação consentida assim como a aceitação da responsabilidade da liderança.

O Dicionário de Webster generosamente nos ajuda a completar este esboço em uma forma circular. Confiança (o primeiro de nossos valores do ego) é aí definida como ‘a certeza da integridade de outro’, o último de nossos valores. Suponho que Webster se referia mais a negócios que a crianças, a crédito que a fé. Mas, a formulação é válida. E parece possível parafrasear ainda mais a relação entre a integridade adulta e a confiança infantil dizendo que as crianças sadias não temerão a vida se seus antepassados tiveram integridade bastante para não temer a morte.

9. UM DIAGRAMA EPIGENÉTICO

Este livro enfatiza as etapas da infância. Contudo, a concepção acima exposta de ciclo de vida requer um tratamento sistemático. Para prepará-lo, concluirei este capítulo com um diagrama. Neste, como no diagrama das zonas e modos pré-genitais, a diagonal representa a seqüência normativa das aquisições psicossociais efetuadas à medida que em cada etapa um novo conflito nuclear soma uma nova qualidade do ego, um novo critério de fortaleza humana acumulada. Abaixo da diagonal, há um espaço para os precursores de cada uma dessas soluções, todas as quais começam pelo começo; acima da diago-

nal, há um espaço para a designação dos derivados dessas aquisições e suas transformações na personalidade em maturação e na personalidade madura.

Os pressupostos básicos desse diagrama são: 1) que a personalidade humana se desenvolve em princípio de acordo com etapas predeterminadas na disposição do indivíduo em crescimento para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo, para se tornar ciente dele e para interatuar com ele; 2) que a sociedade, em princípio, tende a se constituir de tal modo que satisfaça e provoque esta sucessão de potencialidades para a integração e de tentativas para salvaguardar e ativar a proporção adequada e a seqüência apropriada de sua abrangência. Nisso consiste a "manutenção do mundo humano".

Mas um diagrama é apenas um instrumento que ajuda a pensar e não pode pretender ser uma prescrição a que se deva submeter-se, seja na prática da psicoterapia infantil ou na metodologia do estudo da criança. Na apresentação das etapas psicossociais sob a forma de um *diagrama epigenético*, análogo ao empregado no capítulo 2 para uma análise das etapas psicossociais de Freud, levamos em conta passos metodológicos definidos e delimitados. Um dos propósitos deste trabalho é facilitar a comparação das etapas, que Freud foi o primeiro a caracterizar como sexuais, com os outros aspectos do desenvolvimento (físico, cognitivo). Mas nenhum diagrama delimita apenas um itinerário, e não se deve atribuir a nosso esboço de plano psicossocial a intenção de implicar obscuras generalidades relativas a outros aspectos do desenvolvimento, ou, na realidade, da existência. Se o diagrama, por exemplo, registra uma série de conflitos ou crises, não consideramos que todo desenvolvimento é uma série de crises: afirmamos somente que o desenvolvimento psicossocial é uma sucessão de fases críticas, entendendo-se por "crítico" uma característica de momentos decisivos, de momentos de opção entre o progresso e a regressão, a integração e a sujeição.

Parece conveniente, nesta oportunidade, esclarecer as implicações metodológicas de uma matriz epigenética. Os quadros de traços mais grossos na diagonal significam tanto uma seqüência de etapas como um desenvolvimento gradual das partes componentes: em outras palavras, o diagrama formaliza uma progressão através do tempo de uma diferenciação das partes. Isso indica: 1) que cada item crítico da segurança psicossocial aqui considerado é sistematicamente relacionado com todos os outros, e que todos dependem do desenvolvimento ade-

quado na seqüência adequada de cada item; 2) que cada item existe em alguma forma antes que chegue normalmente seu momento crítico.

Se digo, por exemplo, que uma proporção favorável da confiança básica em relação à desconfiança básica é o primeiro passo na adaptação psicossocial, e uma proporção favorável da vontade autônoma relativamente à vergonha e à dúvida o segundo, a correspondente proposição diagramática expressa um número de relações fundamentais que existem entre os dois passos, assim como alguns fatos fundamentais para ambas. Cada um atinge seu auge, enfrenta sua crise, e encontra sua solução perdurável durante a etapa indicada. Mas, todos eles devem existir desde o começo sob alguma forma, pois cada um dos atos exige a integração de todos. Além disso, uma criança pode manifestar algo semelhante à "autonomia" desde o começo, no jeito particular com que, bem apertada nos braços, con-

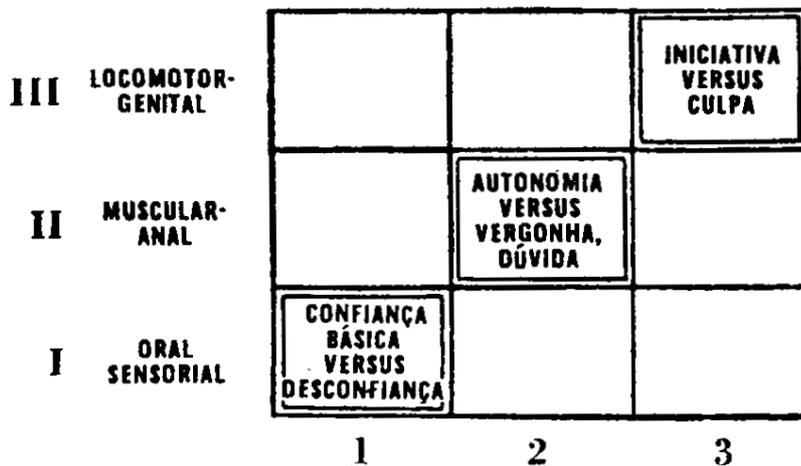


FIGURA 11

segue, retorcendo-se toda, escapular. No entanto, em condições normais, só a partir do segundo ano começa a experimentar toda a *oposição crítica de ser uma criatura autônoma e ao mesmo tempo dependente*; e só então está preparada para um encontro decisivo com seu meio ambiente, um ambiente que, por sua vez, se sente chamado a transmitir suas idéias e conceitos particulares de autonomia e coerção em formas que contribuem decisivamente para o caráter e a saúde de sua personalidade em sua cultura. É este encontro, junto com a crise resultante, o que temos descrito tentativamente para cada etapa. Quanto à progressão de uma etapa à seguinte, a diagonal indica a seqüência a ser obedecida. Contudo, também deixa lugar para variações no ritmo e na intensidade. Um indivíduo ou uma cultura pode-se demorar excessivamente na confiança e passar de I 1, pulando I 2, para II 2, ou, em uma acelerada progressão,

pode-se deslocar de I 1, pulando II 1, para II 2. Entretanto, supõe-se que cada uma dessas acelerações ou retardamentos (relativos) tenha uma influência modificadora sobre todas as etapas posteriores.

Assim, um diagrama epigenético inclui um sistema de etapas dependentes reciprocamente; e mesmo que as etapas individuais possam ter sido exploradas de modo mais ou menos completo ou denominadas de modo mais ou menos adequado, o diagrama sugere que seu estudo prossiga, sempre considerando a configuração total das etapas. O diagrama convida, então, a uma interpretação de todos os quadrados vazios: se temos anotado Confiança Básica em I 1 e Integridade em VIII 8, deixamos em aberto a questão sobre o que teria chegado a ser a confiança em uma etapa dominada pela necessidade de integridade, ao mesmo tempo em que deixamos em aberto a questão relativa e com que ela se possa parecer e, mesmo, a que nomes deve receber na etapa dominada por um esforço no sentido da autonomia (II 1). Só queremos acentuar que a confiança deve ter-se desenvolvido por direito próprio, antes que venha a ser alguma coisa mais no encontro crítico em que a autonomia se desenvolve, e assim por diante, subindo a vertical. Se, na última etapa (VIII 1), devêssemos esperar que a confiança se tivesse transformado na fé mais amadurecida que uma pessoa que envelhece possa concentrar em seu ambiente cultural e seu período histórico, o diagrama permite a consideração não só do que possa ser a velhice mas também do que devem ter sido suas etapas preparatórias. Tudo isso deixaria claro que um diagrama da epigênese sugere uma forma global de pensar e repensar que deixa os detalhes da metodologia e da terminologia para um estudo posterior. *

* Para deixar esta questão realmente aberta, seria necessário evitar certos usos errôneos de toda a concepção. Entre eles está a suposição de que o sentimento de confiança (e todos os outros sentimentos "positivos" postulados) é uma *conquista*, definitivamente alcançada em um estado determinado. De fato, alguns autores se preocupam tanto em organizar uma *escola de realização* a partir dessas etapas, que omitem com satisfação todos os sentimentos "negativos" (desconfiança básica etc.), que são e continuam a ser durante toda a vida a antítese dinâmica dos "positivos". A suposição de que em cada etapa se conquista uma bondade que é impermeável a novos conflitos internos e às condições variáveis é, segundo creio, uma projeção no desenvolvimento infantil daquela ideologia do êxito que pode impregnar tão perigosamente nossas fantasias privadas e públicas e pode-nos tornar ineptos na tremenda luta por uma existência significativa em uma nova era industrial da história. A personalidade trava combate continuamente com os perigos da existência, mesmo quando o metabolismo do corpo luta com a dete-

rioração. Quando chegamos a diagnosticar um estado de fortaleza relativa e os sintomas de um estado enfraquecido, só nos defrontamos mais claramente com os paradoxos e as trágicas potencialidades da vida humana.

Despojar as etapas de tudo menos de suas "conquistas" tem seu reverso nas tentativas de descrevê-las ou analisá-las como "traços" ou "aspirações", sem primeiro construir uma ponte sistemática entre a concepção proposta neste livro e os conceitos favoritos de outros investigadores. Se o que acabo de dizer pode parecer uma queixa, seu intuito não é disfarçar o fato de que, ao dar a essas fortalezas as reais designações com as quais adquiriram no passado inúmeras conotações de bondade superficial, delicadeza frígida e virtude excessivamente forçada, terei provocado mal-entendidos e abusos. Creio, porém, que há uma relação intrínseca entre o ego e a linguagem e que, não obstante as vicissitudes passageiras, certas palavras básicas conservam significados essenciais.

Desde então, tentei formular para o *Humanist Frame* de Julian Huxley (Allen and Unwin, 1961; Harper and Brothers, 1962) um diagrama de fortalezas essenciais que a evolução construiu tanto no plano básico das etapas da vida como no das instituições do homem. Embora não possa examinar aqui os problemas metodológicos envolvidos (e agravados pelo uso que faço das palavras "virtudes básicas"), deveria anexar a relação dessas fortalezas, porque constituem na realidade o resultado duradouro das "proporções favoráveis" mencionadas a cada passo no capítulo sobre as etapas psicossociais. Aqui estão:

confiança básica *versus* desconfiança básica: impulso e *esperança*
 autonomia *versus* vergonha e dúvida: autocontrole e *força de vontade*
 iniciativa *versus* culpa: direção e *propósito*
 indústria *versus* inferioridade: método e *capacidade*
 identidade *versus* confusão de papel: devoção e *fidelidade*
 intimidade *versus* isolamento: filiação e *amor*
 generatividade *versus* estagnação: produção e *cuidado*
 integridade do ego *versus* desesperança: renúncia e *sabedoria*.

As palavras em itálico são denominadas virtudes *básicas* porque, sem elas e sua reemergência de geração a geração, todos os outros mais *inconstantes sistemas de valores humanos perdem seu espírito e sua pertinência*. Desta relação, até agora pude dar uma explicação mais detalhada só da fidelidade (ver *Youth, Change and Challenge*, E. H. Erikson, org., Basic Books, 1963). Mas também aqui a relação representa uma concepção total dentro da qual há grande oportunidade para um exame da terminologia e da metodologia. (E. H. E.)